

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Cel Inf KLAITON ALEXANDRO SANT'ANNA COTA

**AS LIÇÕES APRENDIDAS EM 500 DIAS DO CONFLITO
RUSSO-UCRANIANO**



Rio de Janeiro

2023

Cel Inf KLAITON ALEXANDRO SANT'ANNA **COTA**

AS LIÇÕES APRENDIDAS EM 500 DIAS DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

Policy Paper apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

Orientador: Cel Inf **ANSELMO** DE OLIVEIRA RODRIGUES

Rio de Janeiro

2023

C843l Cota, Klaiton Alexandro Sant'anna

As lições aprendidas em 500 dias do conflito russo-ucraniano. /
Klaiton Alexandro Sant'anna Cota—2023.
29 f.: il. ; 30 cm.

Orientação: Anselmo de Oliveira Rodrigues
Policy Paper (Especialização em Política, Estratégia e Alta
Administração Militar)—Escola de Comando e Estado-Maior do
Exército, Rio de Janeiro, 2023.
Bibliografia: f. 27-29.

1. Guerra. 2. Rússia. 3. Ucrânia. 4. Lições aprendidas I. Título.

CDD 355.02

Cel Inf KLAITON ALEXANDRO SANT'ANNA COTA

AS LIÇÕES APRENDIDAS EM 500 DIAS DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

Policy Paper apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

Aprovado em ____ de outubro de 2023.

COMISSÃO AVALIADORA

ANSELMO DE OLIVEIRA RODRIGUES – Cel Inf – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

MARCOS ANTONIO SOARES DE MELO – Cel Cav R1 – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

CANDIDO CRISTINO LUQUEZ MARQUES FILHO – Cel Art R1 – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Quero agradecer à Deus, por ter me dado saúde ao longo desta caminhada, à minha querida esposa e filhos. Ao meu Orientador, Coronel e Doutor Anselmo, com muito carinho, paciência e apoio, contribuíram direta e indiretamente para que eu concluísse mais essa missão.

AS LIÇÕES APRENDIDAS EM 500 DIAS DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

*Klaiton Alexandro Sant' Anna Cota**

Resumo:

Trata-se de artigo que tem como objetivo apresentar possíveis lições aprendidas do conflito russo-ucraniano em quatro expressões do poder nacional: política, militar, psicossocial e econômica. Para tanto, este policy paper está estruturado da seguinte maneira: inicialmente são apresentados elementos e fatos de interesse que despertam a atenção do leitor sobre a temática da pesquisa. Posteriormente, será realizado uma breve revisão histórica com o fito de ambientar o leitor sobre o conflito russo-ucraniano. Na sequência, serão apresentados as principais lições aprendidas no campo político. A seguir, serão apresentadas as principais lições aprendidas no campo militar. Após, serão apresentadas as principais lições aprendidas no campo psicossocial. Depois, serão apresentadas as principais lições aprendidas no campo econômico. Na última seção, serão realizadas algumas considerações sobre o evento bélico em si e os possíveis impactos dessas lições aprendidas nas Forças Armadas Brasileiras, com destaque para o Exército Brasileiro.

Palavras-chave: guerra, Rússia, Ucrânia, lições aprendidas.

Abstract:

This article aims to present possible lessons learned from the Russian-Ukrainian conflict in four expressions of national power: political, military, psychosocial and economic. To this end, this policy paper is structured as follows: initially, elements and facts of interest that attract the reader's attention to the research topic are presented. Subsequently, a brief historical review will be carried out in order to familiarize the reader with the Russian-Ukrainian conflict. Next, the main lessons learned in the political field will be presented. Next, the main lessons learned in the military field will be presented. Afterwards, the main lessons learned in the psychosocial field will be presented. Afterwards, the main lessons learned in the economic field will be presented. In the last section, some considerations will be made about the war event itself and the possible impacts of these lessons learned on the Brazilian Armed Forces, with emphasis on the Brazilian Army.

Keywords: war, Russia, Ukraine, lessons learned.

* Coronel de Infantaria do Exército Brasileiro. Atualmente está realizando o CPEAEx na ECEME.

SUMÁRIO

<i>1. Introdução.....</i>	<i>7</i>
<i>2. Considerações históricas</i>	<i>8</i>
<i>3. Lições aprendidas na expressão política.....</i>	<i>13</i>
<i>4. Lições aprendidas na expressão militar.....</i>	<i>16</i>
<i>5. Lições aprendidas na expressão psicossocial</i>	<i>20</i>
<i>6. Lições aprendidas na expressão econômica</i>	<i>22</i>
<i>7. Considerações finais.....</i>	<i>24</i>
<i>Referências.....</i>	<i>27</i>

AS LIÇÕES APRENDIDAS EM 500 DIAS DO CONFLITO RUSSO-UCRANIANO

1. Introdução

A invasão realizada pela Rússia em 24 de fevereiro de 2022 no território ucraniano, provocou as mais diversas reações da sociedade. Inicialmente, grande parte dos analistas adotaram cautela e entenderam que aquele momento representava o estopim de um possível conflito entre Estados. A imprensa em geral, em tom mais midiático, rapidamente cunhou a investida russa pelo termo de guerra, postura que foi seguida por alguns países, como a Alemanha e os Estados Unidos da América (EUA), que não titubearam em definir a agressão russa como guerra, pois entenderam que os russos haviam invadido o território ucraniano e, dessa forma, teriam infringido a soberania de outro país. A Rússia, por seu turno, defendeu que sua ação era uma operação militar especial que visava, tão somente, reconhecer a independência das províncias ucranianas de *Luhansk* e *Donestsk*, na região do *Donbass*. A Organização das Nações Unidas (ONU), por sua vez, sem poder fazer nada diante do veto impetrado pela Rússia no Conselho de Segurança Permanente da ONU, limitou-se a condenar a Rússia e defendeu que as divergências entre os dois países deveriam ser tratadas pelos canais diplomáticos (RODRIGUES, 2022a).

Decorridos mais de 500 dias desde o início da incursão russa, não restam dúvidas de que o que ocorre atualmente no Leste Europeu é uma guerra clássica entre Estados soberanos. De maneira impensável ao mundo ocidental até pouco tempo atrás, a guerra entre Estados, e em particular, a que está sendo travada entre Rússia e Ucrânia, ocupa uma posição de destaque na agenda internacional, que desde o término da Guerra Fria vinha priorizando temas como meio ambiente, direitos humanos e perspectiva de gênero (COSTA, 2022).

Tendo em vista que a guerra é um fenômeno social, incerto, complexo, e que ela é deflagrada em múltiplos domínios (VISACRO, 2020), inúmeras abordagens vêm sendo realizadas para analisar a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Sem adentrar em juízo de valor sobre determinada abordagem, acredita-se que todas as perspectivas utilizadas não se confundem, mas se complementam e se inter cruzam (FARIAS, 2022). Afinal, questões complexas não requerem soluções simples e como a guerra é um fenômeno complexo, torna-se necessário analisá-la nos seus mais variados domínios. Ou seja, tão importante

como entender o conflito bélico em si, é depreender como a guerra está sendo deflagrada em suas mais variadas dimensões.

Além de ser um conflito entre dois Estados, o conflito russo-ucraniano tem se mostrado ser num evento central para o tabuleiro geopolítico global, na medida em que acelera o processo de multipolaridade em curso no sistema internacional. Segundo Kamaras (2023), a guerra que está sendo travada entre russos e ucranianos é um evento transformador na condução da guerra em todo o mundo, pois desde a guerra árabe-israelense de *Yom Kippur* em 1973, não houve um conflito entre Estados de tal tamanho e complexidade tecnológica.

Em vista dessa complexidade e importância, acredita-se que a guerra russo-ucraniana transforme a forma como os Estados-nação devam se preparar para os conflitos armados nas próximas décadas. Diante dessa realidade, este *policy paper* tem como objetivo destacar as principais lições aprendidas do conflito russo-ucraniano. Por esta razão, é importante que as Forças Armadas brasileiras e, em particular, o Exército Brasileiro, procure depreender sobre as lições aprendidas da guerra russo-ucraniana, uma vez que tal exercício poderá recomendar mudanças importantes na forma como o Brasil pensa, treina e equipa as suas Forças Armadas.

Para tanto, este *policy paper* está organizado da seguinte forma: inicialmente são apresentados elementos e fatos de interesse que despertam a atenção do leitor sobre a temática da pesquisa. Posteriormente, será realizado uma breve revisão histórica com o fito de ambientar o leitor sobre o conflito russo-ucraniano. Na sequência, serão apresentados as principais lições aprendidas no campo político. A seguir, serão apresentadas as principais lições aprendidas no campo militar. Após, serão apresentadas as principais lições aprendidas no campo psicossocial. Depois, serão apresentadas as principais lições aprendidas no campo econômico. Na última seção, serão realizadas algumas considerações sobre o evento bélico em si e os possíveis impactos dessas lições aprendidas nas Forças Armadas Brasileiras, com destaque para o Exército Brasileiro.

2. Considerações históricas

A história comum entre a Ucrânia e a Rússia remonta o século X, quando surgiu um primeiro ente político soberano, na região onde hoje se localizam a Ucrânia, Belarus e a Rússia ocidental: a *Rus Kievana*. Tratava-se, na verdade, de uma federação de principados governados por uma elite militar e comercial de origem escandinava. Dentre todos os principados existentes, o mais importante era o de Kiev (LOUREIRO, 2023).

No ano de 988, *Vladimir Sviatoslavich*, conhecido como Vladimir - o Santo, converteu-se ao cristianismo e se aliou ao Império Bizantino, que tinha sua capital em Constantinopla e que seguia a corrente ortodoxa do catolicismo. Após essa união, o cristianismo foi trazido de Bizâncio para *Kiev* por *Vladimir Sviatoslavich*, religião que serviu de âncora para o estabelecimento da *Rus Kievana*, antigo Estado eslavo do qual russos, ucranianos e bielorrussos modernos extraem sua linhagem (RODRIGUES, 2022b). A importância de *Vladimir Sviatoslavich* para a história ucraniana pode ser demonstrada pelo fato de que o brasão das armas do país atualmente apresenta um tridente amarelo em um fundo azul, cuja figura foi primeiramente cunhada nas moedas de ouro e prata pelo príncipe Vladimir. Interessante notar ainda que, naquela época, Moscou ainda não havia sido fundada, o que só veio a ocorrer no século XII, fazendo com que a cidade de *Kiev*, fosse a capital da *Rus Kievana* entre os séculos X e XII.

No século XIII, as invasões mongóis subjugaram a *Rus Kievana*. Moscou, entretanto, conseguiu conviver com os invasores, mantendo seu governo e cobrando impostos para as hordas orientais (FILHO, 2023).

No século XV, dois eventos tiveram grande importância para a história russa. O primeiro foi a libertação dos russos do jugo tártaro-mongol. O segundo, foi a queda de Constantinopla, em 1453, ante à invasão dos turcos otomanos, colocando um fim no Império Bizantino. Constantinopla era a “Segunda Roma”, centro do catolicismo ortodoxo. Sua queda deixou órfã a igreja, de forma que Moscou passou a reivindicar para si o centro da Ortodoxia universal.

Foi um monge do mosteiro de *Elizarovo*, em *Pskov*, chamado *Filofei de Pskov*, que no século XV escreveu a obra “Moscou - Terceira Roma”. Nesse livro, *Filofei* posicionava a Rússia, depois da queda de Constantinopla, como a guardiã do verdadeiro cristianismo. Tal obra justifica a queda dos reinos cristãos pela decadência moral e espiritual, prevendo entretanto que não haverá uma quarta Roma e que o Czar da Rússia será o único monarca dos cristãos. A obra de *Filofei* foi aceita pelos russos não por ser nacionalista, mas contudo pela fé na Ortodoxia e na convicção da santidade da Rússia (MILHAZES; DOMINGUES, 2017).

O refluxo dos mongóis de volta para o centro da Ásia fez com que a maior parte do território onde hoje se estabelece a Ucrânia passasse a ser controlado pela Comunidade Polaco-Lituana, uma comunidade política que, desde 1569, unia o Grão-Ducado da Lituânia ao Reino da Polônia. A intenção dos dois Estados ao se reunirem foi o de se fortalecer face a duas ameaças crescentes: a dos moscovitas, à Oeste, e a do Império

Otomano, ao Sul.

Os Tártaros dominavam a península da Crimeia, onde haviam estabelecido o Canato da Crimeia, subordinado a Istambul. Para fazer face aos muçulmanos, os polacos-lituanos passaram a utilizar-se dos Cossacos, guerreiros locais que tinham a tarefa de garantir a segurança da região. Entre os séculos XVI e XVII, os cossacos foram ganhando crescente relevância, passando em alguns casos, inclusive, a mobiliar o exército polonês.

Em 1640, os cossacos se rebelaram, e conseguiram criar uma entidade política independente, o *Hetmanato Cossaco*, conforme apresentado a seguir:

Figura 1 - Área compreendida pelo *Hetmanato Cossaco*



Fonte: FILHO, 2023.

A figura anterior destaca que *Hetmanato Cossaco* correspondia a aproximadamente 1/3 do atual território ucraniano. Além disso, segundo Loureiro (2023), o *Hetmanato Cossaco* desempenha também um importante papel no imaginário dos nacionais ucranianos, na medida em que os nacionalistas do século XIX identificavam que ele não era apenas a segunda entidade política independente da história da Ucrânia, mas o verdadeiro berço da Ucrânia moderna (LOUREIRO, 2023).

Para se defenderem face aos polacos, os cossacos acabaram negociando uma aliança com os russos, assinando o Tratado de Pereslávia, em 1654. O acordo acabou significando a absorção daquele território pela Rússia. O Tratado da Pereslávia é visto de forma diametralmente oposta por russos e ucranianos. Enquanto os primeiros consideram-no um marco da reunificação da grande Rússia (Rússia atual), com a pequena Rússia (Ucrânia),

os ucranianos entendem que o Tratado da Pereslávnia simbolizou uma traição oriunda de Moscou, pois não seguiram aquilo que havia sido negociado, que era a proteção dos moscovitas, mas com a manutenção da independência do *Hetmanato Cossaco*.

No final do século XVIII, ao longo do reinado de Catarina II, a Rússia incorporou novas e significativas porções de terra no atual território ucraniano. O litoral do mar Negro e a península da Crimeia foram conquistados em guerras contra os turcos. Além disso, tomou porções de terra à oeste do rio *Dnipro*, depois da partição da comunidade Polaco-Lituana. Dessa forma, no final do século XVIII, a Rússia passou a controlar a maior parte do território que hoje é a Ucrânia.

No século XIX, com o surgimento de manifestações nacionalistas na Ucrânia, os russos passaram adotar uma série de medidas de repressão, proibindo a língua ucraniana, que foi banida do sistema de ensino e vedada na publicação de jornais, revistas ou manifestações artísticas. Com isso, os nacionalistas ucranianos passaram a publicar suas ideias e fomentar o nacionalismo do outro lado da fronteira, no então Império Austro-Húngaro, que abrangia as porções mais ocidentais da atual Ucrânia (LOUREIRO, 2023).

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, com a derrota do Império Austro-húngaro e a revolução comunista na Rússia, houve a proclamação de duas repúblicas, cada uma delas oriunda das áreas da atual Ucrânia e que eram dominadas pelos dois impérios que deixaram de existir. Em 1919, as duas repúblicas chegaram a se unir por um breve período, para logo depois serem novamente desmembradas, com a porção oriental se tornando a República Socialista Soviética da Ucrânia e a porção ocidental sendo dividida entre Polônia, Romênia e Tchecoslováquia.

No início dos anos 1930, o líder russo *Josef Stalin* iniciou um processo de russificação das repúblicas soviéticas, ao mesmo tempo em que a coletivização da agricultura impôs aos agricultores ucranianos metas impossíveis de serem atingidas, levando milhões à morte por inanição, naquilo que os ucranianos denominam *Holodomor* (matar pela fome, em ucraniano) (LOUREIRO, 2023).

O papel desempenhado pelos soviéticos na vitória dos aliados na 2ª Guerra Mundial alçou a União Soviética a outro patamar no tabuleiro geopolítico global, pelo que possibilitou a incorporação dos territórios ocidentais da Ucrânia, que estavam sob o controle de Polônia, Romênia e Tchecoslováquia, junto a União Soviética. A partir desse momento, a Ucrânia foi incorporada ao território da União Soviética, como uma de suas repúblicas. Além disso, em 1954, sob a justificativa de fortalecer os laços fraternais entre o povo ucraniano e o povo russo, o então líder soviético *Nikita Khrushchev* transferiu a

Crimeia da Rússia para a Ucrânia (RODRIGUES, 2022b).

No início da década de 1980, sob a égide da Guerra Fria, as divergências entre norte-americanos e soviéticos eram bastante elevadas e estavam presentes em vários segmentos. Todavia, internamente a União Soviética atravessava forte turbulência nos campos econômico, político e psicossocial. E foi nesse ambiente que *Mikhail Gorbachev* ascendeu ao poder em 1985. De postura neoliberal, *Mikhail Gorbachev* envidou esforços para retirar a União Soviética da crise que enfrentava. De todas as ações implementadas por ele, duas se destacaram e ficaram mundialmente conhecidas: *Glasnost* e *Perestroika*. Em síntese, a *Glasnost* era uma política pública voltada para tornar as ações estatais mais transparentes e aumentar a liberdade de expressão, principalmente da imprensa. Já a *Perestroika*, era uma política pública que pretendia desburocratizar a máquina estatal e previa a descentralização da tomada de decisões no âmbito econômico (RODRIGUES; PEREIRA, 2020).

No entanto, sem possuir a robustez político-econômica dos norte-americanos e com uma sociedade totalmente despreparada para conviver com o capitalismo e com a globalização que ora se descortinava, o líder soviético não obteve o sucesso esperado com essas ações e o cenário interno ficou ainda mais instável (RODRIGUES; PEREIRA, 2020). Sem muitas alternativas no plano interno, *Mikhail Gorbachev* buscou se aproximar do ocidente, particularmente com os norte-americanos, conduta que arrefeceu a rivalidade entre norte-americanos e soviéticos. Como não poderia deixar de acontecer, tal aproximação com os norte-americanos também se fez refletir internamente na União Soviética, movimento que revelou a fragilidade do comunismo perante o mundo.

Cumprir mencionar que na década de 1980, a Ucrânia, juntamente com a Rússia, compunha o centro de gravidade do poder soviético, uma vez que era responsável pela maior parte da produção agrícola soviética, abrigava grande parte do arsenal nuclear soviético, sediava boa parte da base industrial de defesa soviética e era um local onde havia importantes bases militares soviéticas, com destaque para a frota do mar Negro.

Com tantas mudanças em curso, não tardou para o combalido Império Soviético se colapsar. Em 1991, apenas dois anos após a queda do muro de Berlim, algumas repúblicas integrantes da ex-URSS começaram a proclamar suas independências, dentre elas a Ucrânia, acontecimentos que deram início ao desmoronamento do maior império que o planeta viu durante o século XX. Sem a força de outrora, *Mikhail Gorbachev* nada pôde fazer em face dos diversos processos de independência que eclodiram na ex-URSS e somente restou a ele o papel de passar o poder da Rússia para *Boris Yeltsin*, também em

1991.

Com a independência, a Ucrânia havia se tornado na 3ª maior potência nuclear do globo, ficando atrás apenas da Rússia e dos EUA, condição que chamou a atenção da comunidade internacional. Sob a justificativa de reduzir as armas nucleares no planeta, Rússia, EUA e Reino Unido firmaram o Memorando de Budapeste em 1994. Tal acordo político estabelecia, dentre outras coisas, determinadas garantias de segurança para a Ucrânia aderir ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. Em resumo, com esse acordo, a Ucrânia renunciaria o seu arsenal nuclear e, em contrapartida, os demais países deveriam respeitar a soberania e a integridade territorial da Ucrânia. De maneira rápida, apenas dois anos depois, em 1996, a Ucrânia concluiu a retirada das armas nucleares existentes em seu território. Não pelo acaso, 100% do arsenal nuclear ucraniano havia sido repassado para as mãos da Rússia.

A despeito do compromisso assumido em 1994, e da Carta da ONU, que veda a guerra de conquista, em 2014 a Rússia incorporou o território da península da Crimeia ao mesmo tempo em que fomentou a guerra civil separatista no território ucraniano do *Donbas*, na fronteira entre os dois países, em uma operação que se notabilizou pela execução de ações encobertas, em um caso que se tornou um exemplo paradigmático da chamada “Guerra Híbrida”.

Como se vê, a história de Rússia e Ucrânia é, realmente, recheada de comunalidades, o que torna crível e palatável para a população russa e para parcela da comunidade internacional, a narrativa russa de que russos e ucranianos conformam “um só povo”.

Mas, também é verdade que os ucranianos possuem uma história própria, que encontra na *Rus Kievana* e no *Hetmanato Cossaco* as origens de sua própria nacionalidade, reforçada por uma identidade distinta, com idioma e tradições próprias, que foi profundamente combatida pelo império russo e, depois disso, pelo governo soviético e sua política de russificação da Ucrânia.

3. Lições aprendidas na expressão política

O conflito russo-ucraniano tem mostrado ao mundo várias lições aprendidas. Um aspecto importante que pode ser verificado neste conflito é o de que uma guerra não é apenas travada no campo de batalha. Pelo contrário, vários movimentos e ações que ocorrem fora da zona de combate influenciam, de sobremaneira, as ações militares no teatro de operações. Diante dessas considerações, esta seção tem por objetivo apresentar

as principais lições aprendidas no nível político.

A primeira lição aprendida diz respeito a transformação do sistema internacional, que está passando de um sistema unipolar, liderado pelos Estados Unidos da América desde a queda do muro de Berlim, para um sistema multipolar, com o crescimento da China, da Rússia e de outros países no cenário internacional. Segundo Rodrigues (2022a), o conflito russo-ucraniano acelerou o processo de transformação em curso no sistema internacional, na medida em que foi capaz de imobilizar a atitude dos Estados Unidos da América nessa guerra.

Magnotta (2022) corrobora com esse pensamento e tece detalhes adicionais ao afirmar que a multipolaridade é um espaço de insegurança. Se por um lado, o senso comum leva a crer que é muito mais desconfortável viver sob uma hegemonia ou no contexto da bipolaridade, como era o caso da Guerra Fria, o conflito russo-ucraniano dá razão ao conjunto de intelectuais que, há tempos, defende que o mundo de várias potências é mais instável e sujeito a crises e enfrentamentos com rápido poder de escalada do que os modelos anteriores.

A segunda lição aprendida destaca a ascensão da China no cenário internacional. A ascensão chinesa é, definitivamente, um caminho sem volta e o país tem desempenhado um papel central na balança de poder do sistema internacional. Tanto para a Rússia, que vê na parceria com Pequim uma tábua de salvação econômica e um contraponto político ao Ocidente, quanto para os Estados Unidos da América, que já demonstram disposição em baixar o tom agressivo adotado até então contra Pequim por reconhecer a necessidade de manter um diálogo construtivo.

A terceira lição aprendida é sobre a obsolescência da Organização das Nações Unidas (ONU) no atual sistema internacional, uma vez que se mostra incapaz de evitar a eclosão de guerras, principalmente quando envolve Estados do Conselho de Segurança Permanente da ONU. A instituição tem se mostrado disfuncional e lenta para responder aos desafios desse século, pelo que urge a necessidade de se reformar a ONU urgentemente e revisar suas estruturas de funcionamento.

A quarta lição aprendida é a fragilidade do sistema político da Rússia, baseado no regime autocrático imposto por *Vladimir Putin* desde 1999, o qual dificultou o assessoramento assertivo no processo decisório. De acordo com Júnior e Catanheide (2023), há relatos de que o alto escalão das Forças Armadas Russas não podia contrariar a intenção de *Vladimir Putin*, sob pena de rebaixamento político ou de ser considerado subversivo. De outro modo, o regime fechado também afetou o repasse fidedigno dos

feedbacks dos assessores de primeiro escalão, e por conseguinte, a adoção de linhas de ações menos confiáveis durante o planejamento.

A quinta lição aprendida reside nos objetivos políticos mal definidos. A má compreensão da guerra, associada a um assessoramento débil dos integrantes do primeiro escalão das Forças Armadas Russas, gerou no estabelecimento equivocado dos objetivos políticos. De acordo com Júnior e Catanheide (2023), *Vladimir Putin* acreditava numa guerra rápida e, por isso, havia estabelecido como um de seus objetivos políticos, a deposição do presidente da Ucrânia *Volodymyr Zelensky*, pró-ocidente, e a consequente instalação de um governo pró-Rússia com o intuito de conservar a influência do *Kremlin* sobre o território ucraniano. Esse intento não foi alcançado e, além disso, os planos de guerra russos vazaram com antecedência, proporcionando tempo suficiente para que *Volodymyr Zelensky* realizasse uma boa preparação defensiva do terreno e solicitasse os apoios necessários ao Ocidente para contrapor os ataques russos (YOUTUBE, 2023).

A sexta lição aprendida é a proeminência das informações nos dias atuais. Toda guerra envolve, para além do combate concreto, também uma batalha de narrativas e disputas pelo que as partes entendem ser "a verdade". Como se não bastasse, o advento e a popularização da *internet* e das redes sociais tornou o sistema internacional num espaço fértil para interpretações da realidade objetiva (se é que ela existe). Essas interpretações servem tanto a interesses materiais, como também à defesa de ideias, crenças, valores e visões de mundo. Em suma, não é possível compreender o que acontece na Ucrânia ignorando a convivência de aspectos ligados a poder, interdependência, cultura e identidades.

A sétima lição aprendida é sobre o fortalecimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma aliança militar criada com a finalidade de apoiar/proteger defensivamente os países integrantes. Até pouco tempo atrás, analistas e diversas autoridades questionavam a utilidade e eficácia da OTAN, pois a enxergavam como antiquada e anacrônica. Um exemplo disso é a postura do ex-presidente dos Estados Unidos da América, *Donald Trump*, o qual criticava publicamente sua relevância e seus custos de manutenção. No conflito russo-ucraniano, a OTAN passou a ser vista como o amálgama que aproxima os aliados, responde às ameaças do Ocidente e é defendida como prioridade estratégica de segurança pelo atual presidente norte-americano *Joe Biden*. Além disso, acredita-se que a OTAN ficará ainda mais forte com a adesão de dois importantes países: Finlândia e Suécia.

4. Lições aprendidas na expressão militar

Com erros e acertos militares ocorrendo dia após dia e em ambos os lados, o conflito russo-ucraniano vem nos apresentando diversas lições. Embora a guerra esteja sendo travada, prioritariamente, no terreno, isso não quer dizer que a guerra naval e aérea não existiu. Em vista dessa realidade, esta seção passa a discorrer sobre as principais lições aprendidas no campo militar, nos três domínios: marítimo, aéreo e terrestre.

No domínio marítimo, a principal lição aprendida que este artigo apresenta é sobre a importância de uma Marinha para as ações militares no Teatro de Operações Terrestres. A inexistência de uma Marinha ucraniana sobrecarregou as atividades militares desenvolvidas pelas tropas terrestres (KAMARAS, 2023), na medida em que seus sistemas e treinamento podem fornecer uma defesa antimíssil eficaz e, na falta disso, podem propiciar o controle eficaz de danos de batalha.

O maior exemplo disso é o episódio em que as tropas ucranianas atacaram a nau capitânia da frota russa do Mar Negro “*Moskva*”, a qual dava suporte para as ações militares terrestres russas. Ao abater a *Moskva*, os ucranianos puderam retirar do combate um navio que apoiava as ações terrestres russas com apoio de fogo, funcionava como depósito de munições e também exercia função importante no sistema de comando e controle da Marinha russa, obrigando a frota do mar Negro a afastar-se ainda mais da costa ucraniana, tornando menos eficaz o seu papel no apoio às operações terrestres (KAMARAS, 2023).

No domínio aéreo, a primeira lição aprendida é sobre a importância do trabalho realizado pela Força Aérea antes do início das operações terrestres. Conforme descrito anteriormente, *Vladimir Putin* tinha um entendimento de que as tropas ucranianas entrariam em colapso rapidamente. Esse fato, associado as questões históricas e psicossociais que unem ucranianos e russos, induziu os planejadores militares a não empregarem a Força Aérea Russa de forma massiva antes do início das operações militares, fator considerado fundamental para o sucesso das operações terrestres. Dessa forma, em que pese a Força Aérea Russa tenha exercido o domínio aéreo o tempo todo, ela não foi capaz de eliminar a Força Aérea Ucraniana, consideravelmente menor e menos moderna, nem de eliminar a ameaça da defesa terra-ar da Ucrânia.

À medida que as forças terrestres russas encontravam resistência efetiva, a Força Aérea Russa foi chamada para fornecer apoio aéreo. Contudo, a sobrevivência dos sistemas de mísseis terra-ar da Ucrânia resultou em perdas significativas de aeronaves, forçando a Força Aérea Russa a fornecer apoio aéreo em níveis muito baixos. No entanto,

esta escolha, agravada pela escassez de métodos orientados com munições de precisão, tornaram as aeronaves russas vulneráveis à defesa aérea portátil, realidade que fez com que as aeronaves russas evitassem fornecer apoio aéreo aproximado, o que se revelou num fator crítico para uma série de vitórias das tropas terrestres ucranianas (KAMARAS, 2023).

Além disso, cumpre mencionar que a guerra aérea viu o uso extensivo de drones suicidas fabricados no Irã, que embora fossem facilmente interceptáveis, forçaram as defesas aéreas ucranianas a gastar preciosas munições de mísseis terra-ar.

No domínio terrestre, a primeira lição aprendida é sobre a eficaz gestão de recursos humanos. Segundo Jardim (2023), após 1 ano de conflito, nem a Rússia e nem a Ucrânia desenvolveram sistemas de gestão de mão-de-obra adequados para mobilizar suas respectivas Forças Armadas. Pelo lado russo, isso ficou evidente no início do conflito, mais precisamente na escassez de Infantaria Mecanizada no Grupo Tático de Batalhão (BTG), principal elemento de manobra russo empregado nessa guerra. Esta escassez tornou os carros de combate russos vulneráveis à infantaria anticarro ucraniana. No caso da Ucrânia, nota-se um atraso na capacitação de seus quadros, fato que ocasionou menos eficiência no campo de batalha. De acordo com Kamaras (2023), a maior parte das tropas profissionais ucranianas só foram montadas e devidamente equipadas, apenas dois anos antes do início da guerra, apesar do país estar em conflito armado com Rússia desde 2014.

A segunda lição aprendida é sobre a mobilização nacional, fato que também influenciou russos e ucranianos. No lado russo, nota-se que a mobilização implementada por Moscou pecou na amplitude e na capacitação. Pelo fato de não receberem cursos de capacitação adequados, tais reservistas não foram devidamente treinados antes de sua implantação no campo de batalha e estavam mal equipados, revelando-se em frágeis soldados no Teatro de Operações. Segundo Jardim (2023b), o fracasso da Federação Russa em colocar em campo uma força adequadamente tripulada e treinada é em parte devido a restrições fiscais. A profissionalização das Forças Armadas russas foi apenas parcial, pois o Estado não pôde pagar salários atraentes para os jovens russos. Além disso, o complemento de conscritos, cerca de metade do Exército russo, foi excluído de participar de operações expedicionárias por motivos políticos e, portanto, foram treinados para atividades administrativas. No lado ucraniano, constata-se que o país não possui a mobilização nacional instituída em tempos de paz, situação que impediu o treinamento e aperfeiçoamento da mobilização em tempos de guerra. Como a guerra impôs exigências extraordinárias em termos de mão-de-obra, a Ucrânia foi obrigada a fornecer formação

básica a civis que não tiveram contato prévio com treinamento militar, no país, no Reino Unido e noutros locais. Esse treinamento foi comprimido para cinco semanas apenas, bem menor do que os 3 a 4 meses típicos dos recrutas. Com isso, as Forças Armadas da Ucrânia foram obrigadas a expor prematuramente suas tropas mais experientes, conduta que reduziu significativamente seu poder militar e sua capacidade de usar essas tropas em locais no campo de batalha de maior necessidade.

A terceira lição aprendida é sobre a importância da sincronização do planejamento logístico com as operações militares. Logo após o início da ofensiva russa, foi observado um comboio russo com mais de 60 quilômetros de extensão próximo a *Kiev*. Tal comboio foi alvo diuturno de ataques aéreos ucranianos dentro de suas ações de A2/AD, gerando sérios problemas para as tropas russas em primeiro escalão, que ficaram estacionadas por falta de combustíveis e munição (JARDIM, 2023b). Assim, deixar de integrar os aspectos logísticos durante a fase de planejamento da missão com a manobra, acarretou numa execução desconexa com as reais necessidades, particularmente com relação aos menores escalões.

Figura 2 - Comboio Russo nos arredores de Kiev



Fonte: JARDIM, 2023b.

A quarta lição aprendida também é sobre a logística. Os diversos tipos de blindados e carros de combate recebidos pela Ucrânia geraram grandes impactos em suas funções logísticas, criando uma imensa cauda logística de suporte, composta por uma infinidade de itens e de sobressalentes de manutenção. Essa enorme variedade de itens e sobressalentes ocasiona dispendiosos custos para manter as tropas em condições de combater (JARDIM, 2023b).

A quinta lição aprendida é sobre a intensa utilização de drones e de veículos aéreos não tripulados (VANTs) pelas tropas russas e ucranianas, sejam elas de infantaria ou artilharia. Drones menores têm sido usados para fins de reconhecimento, consciência situacional, ataques e alvo identificação para artilharia. Tais drones, russos ou ucranianos, conseguiram transmitir imagens que possibilitaram direcionar o fogo de artilharia, além de permitir detectar comunicações oponentes, as quais permitiram a localização de alvos. Além disso, os drones e VANTs também permitiram a realização adequada dos danos no campo de batalha.

A sexta lição aprendida destaca o papel desempenhado pela Artilharia no campo de batalha. Caldas (2023) aponta que a guerra em curso no teatro europeu indica que as armas de longo alcance e de precisão ratificam sua notoriedade por aprofundar o combate e afetar pontos nevrálgicos do esforço de guerra inimigo que, por essa razão, a artilharia de mísseis e foguetes está exercendo papel de destaque no conflito. A guerra russo-

ucraniana, irrompida em fevereiro de 2022, resgata, indubitavelmente, o rol destacado do apoio de fogo nas operações militares.

A sétima lição aprendida é sobre a observação e busca de alvos. O binômio *Unmanned Aerial Vehicle* (UAV) Artilharia se notabilizou como um advento da guerra russo-ucraniana. A aquisição de alvos entremeada com a rápida resposta dos atuadores cinéticos concorreu sobremaneira para dinamizar a consecução dos fogos, além de potencializar os seus efeitos e viabilizar o controle de danos a distâncias dilatadas. Destacam-se os UAVs de reconhecimento de asa fixa, como o SKIF ucraniano e o Orlan-10 russo que, por conta do preço bastante reduzido, não se constituíam como alvos economicamente viáveis para as defesas antiaéreas (ZABRODSJYI; WATLING; DANYLYUK, 2022).

5. Lições aprendidas na expressão psicossocial

Desde o momento que a Ucrânia foi invadida pela Rússia em 24 de fevereiro, os olhos do mundo convergiram para a região. *Volodymyr Zelensky*, presidente ucraniano, imediatamente se tornou conhecido em todo o cenário mundial, principalmente pela maneira como tem se posicionado durante o conflito.

Diante dessa realidade, a primeira lição aprendida no campo psicossocial é sobre a importância de uma liderança em tempos de guerra. Segundo Born (2023), os cidadãos da Ucrânia e de outras partes do mundo foram inspirados pelo estilo de liderança imposto por *Zelensky* na presidência da Ucrânia, caracterizado pela simplicidade e praticidade. Atributos como coragem, carinho, competência e comunicação são facilmente percebidos pelo presidente ucraniano durante a guerra russo-ucraniana. Nesse conflito, verifica-se a empatia de *Volodymyr Zelensky* junto à sua população, evidenciada pela aproximação com as pessoas na cidade de *Kiev*, da mesma forma que se constata o apoio recebido pelos habitantes das demais cidades do país. Aproveitando-se disso, *Volodymyr Zelensky*, de maneira hábil e inteligente, concita a sua população a resistir e lutar pela manutenção da soberania da Ucrânia (GONÇALVES, 2022).

A segunda lição aprendida é a mobilidade humana forçada decorrente de um conflito bélico. Sendo considerada por diversos analistas, a maior guerra terrestre desencadeada em solo europeu desde a 2ª Guerra Mundial, inevitavelmente o conflito russo-ucraniano gerou o deslocamento forçado de milhões de pessoas. Segundo Allison (2023), no primeiro ano do conflito, 31% dos ucranianos foram forçados a abandonar as suas casas, percentual que representa um efetivo de cerca de 12 milhões de pessoas. Um

efetivo dessa grandeza causa disruptura social no país ucraniano e ocasiona efeitos colaterais em outros países, principalmente nos países limítrofes.

A terceira lição aprendida é o recrudescimento do antagonismo da população ucraniana junto à Rússia. Em que pese os laços históricos e até familiares existentes entre os dois povos, não restam dúvidas de que os efeitos colaterais do conflito russo-ucraniano junto à população ucraniana são enormes e deve perdurar por décadas, quiçá séculos. De acordo com Allison (2023), em apenas 1 ano de conflito, mais de 130 mil soldados ucranianos foram mortos ou gravemente feridos, números que representam 40% do efetivo das Forças Armadas ucranianas, e mais de 7000 civis também morreram. Tais números descortinam a grande quantidade de famílias ucranianas que perderam seus entes e parentes no conflito russo-ucraniano.

A quarta lição aprendida é sobre os impactos no serviço de saúde. Para Faria (2023), os ataques perpetrados pelos russos em solo ucraniano, além de danificar estruturas hospitalares, interrompeu campanhas vacinais e programas de assistência a doenças infectocontagiosas, dentre elas a covid-19. Por ser um país com baixas taxas de cobertura vacinal, isto torna a situação ainda mais grave, além dos surtos recentes de tuberculose multirresistente, sarampo e poliomielite, sendo os deslocados e refugiados aqueles que correm maior risco. Em suma, pode-se depreender que a situação da saúde na Ucrânia caminha para uma grave crise sanitária.

Entretanto, a população russa também sofre os efeitos colaterais do conflito russo-ucraniano. Após a invasão da Ucrânia, a União Europeia adotou vários pacotes de sanções contra a Rússia com o objetivo de provocar o máximo de dificuldades ao país e tentar minar a sua capacidade de prosseguir com o conflito. Dentre o rol de sanções implementadas, há medidas restritivas específicas, sanções econômicas e medidas diplomáticas (LEON, 2022).

Empresas multinacionais e associações profissionais, inclusive da área médica, também adotaram medidas suspendendo suas relações com a Rússia. A intenção dessas atitudes tem como objetivo pressionar ainda mais o presidente *Vladimir Putin*, porém também estão tendo efeitos significativos no atendimento médico prestado aos pacientes (BMJ, 2022). A comunidade científica e seus membros foram praticamente excluídos da academia mundial. As colaborações de países mais desenvolvidos foram interrompidas, mesmo aquelas para as quais já haviam sido concedidos subsídios e os trabalhos clínicos já haviam começado (BMJ, 2022). Pesquisadores russos se lamentam devido à grande dificuldade de publicar seus trabalhos em periódicos internacionais que são revisados por

pares, uma vez que esses cobram altos valores e os cartões de crédito internacionais na Rússia estão bloqueados. Situação semelhante ocorreu em relação à assinatura de periódicos estrangeiros (KOONIN, 2022).

6. Lições aprendidas na expressão econômica

Nessa guerra, além da expressão militar utilizada pela Rússia e pela Ucrânia, nota-se que a expressão econômica vem sendo empregada largamente pelos contendores e por outros países do sistema internacional.

A primeira lição aprendida nesse conflito é a importância de uma base industrial de defesa para o país. Desde que ascendeu ao poder da Rússia em 1999, o presidente *Vladimir Putin* vem implementando programas de reaparelhamento das Forças Armadas, inclusive aumentando os esforços de P,D&I para a obtenção de novos sistemas de armas. Tal postura permitiu a Rússia reduzir consideravelmente a defasagem tecnológica observada no início da década de 1990, provocada pelo fim da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS). De acordo com o “*The Military Balance - 2021*”, relatório emitido pelo *International Institute for Strategic Studies* (IISS), os gastos militares russos aumentaram rapidamente de 2012 a 2015, em decorrência dos gastos com o Programa de Modernização e Reequipamento Russo, mas a partir do momento que o governo russo investiu em sua base industrial de defesa (2016), a Rússia passou a gastar menos recursos adquirindo produtos de defesa oriundos do exterior, fato comprovado pela declaração emitida pelo Ministro da indústria da Rússia, *Denis Manturov*, o qual disse que a produção industrial de defesa russa aumentou 38% após 2014, mesmo sofrendo sanções econômicas impostas pelo ocidente depois da invasão a Crimeia (AGOSTINI, 2022).

Tal realidade não se fez notar na Ucrânia, a qual continua dependente de matérias de emprego militar oriundos do exterior para continuar com o esforço de guerra contra os russos.

A segunda lição aprendida foi a iniciativa *Vladimir Putin* em criar o banco militar russo, ou *Promsvyazbank*, o qual tem se mostrado essencial para o financiamento das atividades da indústria de defesa da Rússia. Até o presente momento, nota-se que o referido banco tem sido hábil, uma vez que está conseguindo driblar as sanções impostas pelo ocidente junto ao *Kremlin*, dentre elas a remoção da Rússia no sistema SWIFT (AGOSTINI, 2022). Sediado na Bélgica, o SWIFT é um sistema global de troca de mensagens, utilizado por bancos e instituições financeiras de todo o sistema internacional.

A terceira lição aprendida diz respeito aos efeitos colaterais na cadeia global de comércio. Mesmo sendo um conflito eminentemente terrestre, os efeitos no comércio global se fazem sentir, particularmente no próprio continente europeu. Países como a Rússia e Ucrânia, centrais na extração, produção e distribuição de vários produtos a nível global, naturalmente influenciam a dinâmica do comércio global. A Rússia, detentora de robustas reservas de gás e petróleo, influencia no preço dessas *commodities*. A Ucrânia, destaque na produção de trigos a nível mundial, naturalmente exerce influência no preço desses produtos.

A quarta lição aprendida diz respeito ao início de uma provável corrida armamentista em escala local, regional e até global. O aumento dos gastos militares, em particular da Alemanha e dos países europeus já é flagrante e tem despertado o fenômeno chamado de dilema de segurança nas relações internacionais, uma vez que para evitar agressões, os países naturalmente aumentam seus gastos militares e de rearmamento para garantir uma dissuasão adequada, independentemente das ferramentas econômicas e financeiras existentes (TEIXEIRA, 2023).

A quinta lição aprendida são os efeitos imediatos no *dia-a-dia* das pessoas em todo o globo e no Brasil não é diferente. Quanto aos reflexos econômicos, são bastante presentes até para os brasileiros: o preço do quilo do tomate, cuja cultura depende da importação de fertilizantes russos, não nos deixa mentir. A participação da Rússia na Organização dos Países Produtores de Petróleo, ademais, nos acende um alerta para como o preço dos combustíveis pode seguir no horizonte próximo.

A sexta lição aprendida diz respeito aos elevados custos para a reconstrução da Ucrânia. Segundo estimativas do Banco Europeu de Investimentos, as cifras para reconstruir a Ucrânia podem chegar a US\$ 1 trilhão (R\$ 4,92 trilhões), pouco mais da metade do PIB brasileiro em 2022. Considerando que o produto interno bruto (PIB) da Ucrânia em 2022 declinou cerca de 30% em comparação com o PIB do ano anterior, que as perdas de infraestrutura já superaram a marca de 127 bilhões de dólares, que a inflação alcançou a marca de 24,6% em 2022 e que o país apresentou uma taxa de desemprego em 2022 na ordem de 30% (FERRARO, 2022), a tarefa de reconstruir a Ucrânia não será fácil e demandará tempo demasiado.

7. Considerações finais

A guerra russo-ucraniana tem, sem dúvida, desencadeado uma cascata de implicações e consequências que reverberam muito além de suas fronteiras. Este conflito, com alto nível de complexidade e inter-relações, tem servido como um laboratório de pesquisa, através do qual diversas lições podem ser extraídas em várias expressões – política, militar, psicossocial e econômica. A análise dessas lições aprendidas não só enriquece o entendimento contemporâneo acerca da dinâmica e das repercussões de conflitos armados em uma era globalizada e digitalizada, mas também provê ensinamentos vitais que influenciaram as futuras estratégias geopolíticas, militares e humanitárias.

Na expressão militar e com sua interconexão com a política, a importância de uma Marinha eficaz e da sinergia entre os domínios marítimo, aéreo e terrestre foi ressaltada pela Ucrânia e pela Rússia em suas respectivas estratégias. A falta de uma estratégia aérea prévia eficaz e a surpreendente resiliência e eficácia das forças ucranianas têm redefinido as expectativas e premissas tradicionais acerca da guerra atual. A inter-relação da estratégia militar com a política e a opinião pública, como observado na destreza da Ucrânia em alavancar apoio internacional, também é um ponto de reflexão sobre como a guerra é percebida e interpretada em uma era de informação instantânea e global.

Ao adentrar o domínio psicossocial da guerra e seus efeitos humanos, a liderança carismática e comunicativa de Zelensky não apenas elevou o moral ucraniano, mas também moldou a narrativa internacional do conflito. O êxodo massivo de refugiados, o sofrimento humano palpável, e o ressurgimento do antagonismo nacionalista ressaltam a inextricável teia entre os eventos militares e o psicológico coletivo, tanto no nível nacional quanto internacional. A resposta global e a simpatia para com a Ucrânia destacam a importância do ângulo humano e social em contextos de conflito.

Na expressão econômica, a guerra trouxe à tona o significado e o impacto da autossuficiência militar e da resiliência econômica em um mundo interconectado. A dependência global de commodities, principalmente aquelas provenientes da Ucrânia e da Rússia, e as sanções direcionadas a esta última, têm desencadeado uma série de reações em cadeia na economia mundial, afetando desde os preços globais do petróleo até os custos dos alimentos em países distantes. O papel da indústria de defesa e as estratégias econômicas durante um conflito oferecem uma janela para entender como os países podem precaver, mitigar, ou até capitalizar em contextos de tensão geopolítica.

Ao se olhar para essas lições através de uma lente holística, torna-se evidente que

cada expressão não opera isoladamente, mas, ao contrário, interage e se entrelaça com as outras de formas complexas e, muitas vezes, imprevistas. Os objetivos políticos e a estratégia militar influencia e é influenciada pela expressão psicossocial da guerra e pelas implicações econômicas, as quais, por sua vez, afetam a percepção e a opinião pública, criando um ciclo virtuoso que pode tanto reforçar quanto minar os esforços em diferentes domínios.

As lições aprendidas nas variadas expressões geram reflexões profundas sobre as fragilidades e fortalezas que se manifestam em um conflito de tal magnitude. O ambiente operacional do conflito, permeado por interesses políticos, estratégias, táticas e a expressão nítida da “névoa da guerra”, revela que a preparação, a logística, o espírito de liderança, e a resiliência são elementos-chave que não apenas decidem o destino imediato no campo de batalha, mas também moldam o futuro geopolítico e sociocultural das nações envolvidas no tabuleiro do poder global.

No contexto brasileiro e, especificamente, para as Forças Armadas Brasileiras, as lições deste conflito oferecem um terreno fértil para reflexão e aprendizado. O Exército Brasileiro, uma instituição que historicamente tem se dedicado à paz e à proteção do território nacional, pode extrair ensinamentos valiosos desse conflito, especialmente em relação à preparação e modernização de sua Força Terrestre, a importância da logística, e a integração da tecnologia, especialmente os veículos aéreos não tripulados (VANTs ou drones), nas operações militares que irão contribuir para a estratégia da dissuasão.

A ênfase na necessidade de uma base industrial de defesa autônoma e robusta torna-se patente ao observar o cenário russo-ucraniano. Para o Brasil, este aspecto é crucial, considerando seu extenso território e recursos naturais que demandam salvaguarda. A ampliação e fortalecimento da base industrial militar brasileira não somente corroboram para a autonomia em momentos de crise, mas também fomentam o desenvolvimento tecnológico, científico e econômico do país.

O papel da liderança, exemplificado pela postura do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, também oferece uma reflexão sobre como a liderança em tempos de crise pode ser tanto um vetor de união e resistência interna quanto um símbolo de resistência e resiliência que ressoa na comunidade internacional. A imagem de um líder que permanece em seu país, compartilhando os perigos e incertezas com sua população, contribui para o aumento da resistência interna e mobiliza simpatias e apoio internacional.

Outro ponto notável é a gestão de recursos humanos e mobilização nacional. O Exército Brasileiro pode observar os desafios enfrentados por russos e ucranianos em

mobilizar, treinar e manter suas forças, refletindo sobre como melhorar seus sistemas de gestão de pessoal para ter uma mobilização mais eficaz, e que possam garantir uma pronta resposta em tempos de crise.

Ainda, a robustez e resiliência dos sistemas de saúde militar e da sociedade brasileira, bem como a preservação da saúde mental dos combatentes, surgem como elementos que necessitam de atenção e planejamento meticuloso. O comprometimento da saúde da tropa ou de populações civis em cenários de conflito, seja por ferimentos, doenças ou traumas psicológicos, é uma variável que exige estratégias sólidas e preventivas.

A guerra russo-ucraniana, assim, serve como um acontecimento único, que traz à tona uma gama de aspectos dos conflitos contemporâneos e mostra como são complexos e interligados. Os líderes, estrategistas e cidadãos globais podem extrair discernimentos significativos deste conflito bélico, propiciando uma reflexão sobre a participação de todos no tema defesa da soberania nacional. Estas lições não somente iluminam o entendimento do presente conflito, mas também lançam luz sobre como futuros conflitos podem ser prevenidos, mitigados ou, quando eles ocorrem, conduzidos de uma maneira que preserve ao máximo a dignidade, a segurança e a estabilidade humanas.

A análise e compreensão dessas lições, quando aplicadas à realidade e potenciais cenários enfrentados pelo Brasil, propiciam não apenas a preparação e adaptação às dinâmicas de conflitos contemporâneos, mas também fomentam a promoção da paz, estabilidade e desenvolvimento nacional. A capacidade de aprender com os erros e acertos de outros, adaptando essas lições ao contexto nacional, é uma habilidade vital para a perpetuação da paz e segurança no cenário internacional.

Referências:

AGOSTINI, Diego da Silva. **A Crise na Ucrânia sob uma perspectiva econômica.** Observatório Militar da Praia Vermelha, 2022. Rio de Janeiro: ECEME, 2022.

ALLISON, Graham. **Some hope amid the brutality of war.** Harvard Kennedy School, 2023. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/faculty-research/policy-topics/international-relations-security/lessons-year-war-ukraine>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

BMJ. **Russia's war in Ukraine is killing cancer care in both countries.** BMJ, 2022. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/376/bmj.o701.full.pdf>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

BORN, Dana. **Setting new standards of leadership.** Harvard Kennedy School, 2023. Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/faculty-research/policy-topics/international-relations-security/lessons-year-war-ukraine>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

CALDAS, Leandro Rodriguez. **As implicações da Guerra da Ucrânia para a Artilharia brasileira – uma visão prospectiva.** PADECEME, Vol. 19, nº 30, p. 48-65, 2023.

COSTA, José Luiz Machado e. **Ameaça externa e defesa nacional.** O Estado de São Paulo, 20 de abril de 2022.

FARIA, Paulo César dos Santos. **Crise Rússia e Ucrânia e os impactos na saúde.** Observatório Militar da Praia Vermelha, 2023. Rio de Janeiro: ECEME, 2023.

FARIAS, Hélio Caetano. **Geopolítica e Guerra na Ucrânia: algumas considerações.** Observatório Militar da Praia Vermelha, 2022. Rio de Janeiro: ECEME, 2022.

FERRARO, Vicente. **A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana.** Conjuntura Austral, Vol. 13, nº 64, p. 25-50, 2022.

FILHO, Paulo Roberto da Silva Gomes. **A invasão da Ucrânia pela Rússia - uma visão geopolítica.** PADECEME, Vol. 19, nº 30, p. 7-22, 2023.

GONÇALVES, Rogério de Amorim. **A liderança de Zelensky no conflito da Ucrânia.** Observatório Militar da Praia Vermelha, 2022. Rio de Janeiro: ECEME, 2022.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES. **The Military Balance - 2021.** Disponível em: <https://www.iiss.org/publications/the-military-balance>. Acesso em: 05 jan. 2022.

JARDIM, Jonathas da Costa. **A logística na Guerra russo-ucraniana à luz dos fatores de decisão: reflexões para o Exército Brasileiro. ?.** PADECEME, Vol. 19, nº 30, p. 23-47, 2023a.

JARDIM, Jonathas da Costa. **A logística do conflito russo-ucraniano: possíveis lições**

aprendidas para o Exército Brasileiro. Observatório Militar da Praia Vermelha, 2023b. Rio de Janeiro: ECEME, 2023b.

JUNIOR, Vanderly Ximenes Aragão; CATANHEIDE, Adriano Benetti Damasceno. **Da Operação Militar Especial a um ano da guerra Rússia-Ucrânia – Por que o conflito se arrasta por tanto tempo?.** PADECEME, Vol. 19, nº 30, p. 88-105, 2023.

KAMARAS, Antony. **Lessons learned from a year of war in Ukraine: a Greek reading.** ELIAMEP, Policy Paper 137, 2023. Disponível em: <https://www.eliamep.gr/wp-content/uploads/2023/06/Policy-paper-137-Kamaras-.pdf>. Acesso em: 15 de Agosto de 2023.

KOONIN, E. V. **Science in times of war: oppose Russian aggression but support Russian scientists.** EMBO reports, Vol. 23, nº 4, 2022.

LEON, D. A. et al. **The Russian invasion of Ukraine and its public health consequences.** The Lancet Regional Health - Europe, Vol 15, p. 100358, 2022. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2666-7762%2822%2900051-5>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

LOUREIRO, Felipe. **Reflexões sobre a longa história de construção nacional russa e ucraniana: do principado de Kiev ao governo de Volodymyr Zelensky.** In: LOUREIRO, Felipe. *Linha Vermelha: A Guerra na Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI*, p. 45-66, 2022. Campinas: Editora Unicamp, 2022.

MAGNOTTA, Fernanda. **Dez lições da primeira semana de guerra na Ucrânia.** UOL, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/fernanda-magnotta/2022/03/02/10-licoes-da-primeira-semana-de-guerra-na-ucrania.htm>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

MILHAZES, José; DOMINGUES, João. **Antologia do Pensamento Geopolítico e Filosófico Russo.** Lisboa: D. Quixote, 2017

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **A crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade.** A Defesa Nacional, Vol. 848, nº 2, p. 3-17, 2022a.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **A importância geopolítica da Ucrânia para Moscou.** EBLOG, 2022b. Disponível em: <http://eblog.eb.mil.br/index.php/menueasyblog/a-importancia-geopolitica-da-ucrania-para-moscou.html>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; PEREIRA, Ricardo de Amorim Araújo. **O conflito entre a Rússia e a Ucrânia em 2014, sob a ótica geopolítica russa.** Revista da Escola de Guerra Naval, Vol. 26, nº 1, p. 198-219. janeiro/abril. 2020.

TEIXEIRA, Esley Rodrigues de Jesus. **Conflito russo-ucraniano: uma guerra em solo europeu.** Observatório Militar da Praia Vermelha, 2023. Rio de Janeiro: ECEME, 2023.

VISACRO, A. **Não basta vencer em múltiplos domínios: conjecturas sobre a nova doutrina do Exército dos Estados Unidos e os conflitos na zona cinza.** Coleção Meira Mattos, Vol. 14, nº 50, p. 187-209, 2020.

YOUTUBE. **Por que a Rússia não conseguiu conquistar a Ucrânia?** Youtube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/QzD-khz-4zHs>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

ZABRODSKYI, Mykhaylo; WATLING, Jack; DANYLYUK, Oleksandr; REYNOLDS, Nick. **Preliminary Lesson in Conventional Warfighting from Russia's Invasion of Ukraine: February-July 2022.** RUSI, 2022. Disponível em: <https://www.rusi.org/explore-our-research/publications/special-resources/preliminary-lessons-conventional-warfig-hting-russias-invasion-ukraine-february-july-2022>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.